

Mais um ouro para quem? Os marcadores sociais da diferença no surfe profissional brasileiro

RESUMO

No presente estudo, tem-se por objetivo analisar criticamente como os efeitos da interseção dos marcadores sociais da diferença afetam a trajetória e a ascensão esportiva de surfistas brasileiros. O esporte se apresenta como instrumento capaz de perfurar as camadas sociais e, assim, atingir um lugar de privilégio e poder. Aqueles que não atingiram a transformação social e econômica são ofuscados na sociedade da produção e do espetáculo. O destaque de surfistas brasileiros no cenário mundial reforça o crescimento da modalidade no país. No entanto, a meritocracia é posta em relevo, enquanto as relações interseccionais de poder que sustentam a desigualdade de raça, gênero e classe são ocultadas. A aposta em uma trajetória de vida pautada exclusivamente na conquista do “ouro” evidencia a fragilidade e o risco daqueles que buscam transformar a sua realidade social e econômica por meio de uma carreira de sucesso no esporte. A responsabilidade da sociedade para superação de determinada conjuntura está no reconhecimento e no desejo de reparação impulsionadas por novas práticas que não compactuam com as diferentes formas de exclusão e silenciamento.

PALAVRAS-CHAVE: Surfe; Atletas;
Marcadores sociais; Brasil

Deborah Nimtsovitch Cualhete

Doutoranda
Universidade Federal de São Paulo,
Departamento de Saúde, Educação e Sociedade
Santos, SP, Brasil
cualhete.deborah@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-3531-3002>

Ricardo da Costa Padovani

Doutorado
Professor Associado na
Universidade Federal de São Paulo,
Departamento de Saúde, Educação e Sociedade
Santos, SP, Brasil
ricardo.padovani@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0001-8537-2249>

Another gold for whom? The social markers of difference in Brazilian professional surfer

ABSTRACT

The present study aims to critically analyze how the effects of the intersection of social markers of difference affect the trajectory and sports ascension of Brazilian surfers. Sport presents itself as an important instrument capable of piercing the social strata and thus reaching a place of privilege and power. Those who have not achieved social and economic transformation are overshadowed in the society of production and spectacle. The prominence of Brazilian surfers on the world stage reinforces the growth of the sport in the country. However, meritocracy is highlighted while the intersectional power relations that underpin race, gender, and class inequality are concealed. The bet on a life trajectory based exclusively on winning "gold" highlights the fragility and risk of those who seek to transform their social and economic reality through a successful career in sport. Society's responsibility to overcome a certain conjuncture lies in the recognition and desire for reparation driven by new practices that do not condone the different forms of exclusion and silencing.

KEYWORDS: Surf; Athletes; Social markers; Brazil

¿Otro oro para quién? Los marcadores sociales de diferencia en el surf profesional brasileño

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar críticamente cómo los efectos de la intersección de los marcadores sociales de diferencia afectan la trayectoria y el ascenso deportivo de los surfistas brasileños. El deporte se presenta como un importante instrumento capaz de traspasar los estratos sociales y alcanzar así un lugar de privilegio y poder. Aquellos que no han logrado la transformación social y económica son eclipsados en la sociedad de la producción y el espectáculo. El protagonismo de los surfistas brasileños en el escenario mundial refuerza el crecimiento del deporte en el país. Sin embargo, se destaca la meritocracia mientras se ocultan las relaciones de poder interseccionales que sustentan la desigualdad de raza, género y clase. La apuesta por una trayectoria de vida basada exclusivamente en ganar el "oro" pone de manifiesto la fragilidad y el riesgo de quienes buscan transformar su realidad social y económica a través de una exitosa carrera en el deporte. La responsabilidad de la sociedad para superar una determinada coyuntura radica en el reconocimiento y el deseo de reparación impulsados por nuevas prácticas que no toleran las diferentes formas de exclusión y silenciamiento.

PALABRAS-CLAVE: Surf; Atletas; Marcadores sociales; Brasil

INTRODUÇÃO

A trajetória esportiva de atletas de alto rendimento é marcada por uma série de desafios, que vão desde a rotina exaustiva de treinos e competições às incertezas de ocupar um lugar de destaque na elite esportiva, o que representaria a ascensão social e financeira tão almejada. Esse caminho é atravessado pelos marcadores sociais da diferença, como a raça, a classe e o gênero, que podem inviabilizar a concretização de um sonho (RUBIO, 2001; 2002). Os marcadores sociais da diferença são socialmente construídos e afetam a vida das pessoas de diferentes formas, reforçando e produzindo desigualdades e sofrimento (HIRANO, 2019; KILOMBA, 2019). Portanto, analisar criticamente como os efeitos da interseção dos marcadores sociais da diferença afetam a trajetória de surfistas brasileiros e a ascensão de talentos esportivos constituirá o objetivo deste artigo.

Zamboni (2014, p. 15) lembra que “os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política”. Como exemplos de marcadores sociais, pode-se destacar a raça, o gênero e a classe social. É importante registrar que esse sistema classificatório é construído socialmente e posiciona determinados grupos em lugares de privilégio e poder, enquanto outros são marginalizados e excluídos (BENTO, 2022; ZAMBONI, 2014). Toda e qualquer tentativa de mobilidade de membros de camadas consideradas “inferiores” é percebida como uma ameaça a uma lógica social estabelecida. Tal condição evidencia a presença de um tensionamento social e uma relação desigual de poder que reflete nas escolhas, nas oportunidades e na capacidade de locomoção entre os estratos sociais.

Nessa perspectiva, Souza e Brant (2023, p. 217) alertam que “o que acontece no surfe, é um reflexo da nossa sociedade como um todo”. Os autores destacam que a modalidade teve sua evolução marcada nos filmes norte-americanos das décadas de 50 e 60 e que os surfistas eram retratados como homens, brancos e magros. Complementam que tal cultura influenciou a produção de filmes brasileiros que também reforçaram esse imaginário do surfe nacional.

É importante registrar que, para populações tipicamente vulnerabilizadas no Brasil, o esporte se apresenta como instrumento capaz de perfurar essas camadas sociais e, assim, atingir o lugar de privilégio e poder e, ser for o desejo, expor sua nova condição social. No entanto, atingir esse lugar a partir do desempenho esportivo é uma realidade para poucos (ANJOS, 2021). Por exemplo, Anjos (2021) destaca que 1% dos atletas de futebol de campo concretizam a ascensão social. Ainda nesse processo, deve-se levar em consideração as características culturais e políticas de um país, uma vez que podem ter implicações importantes na trajetória esportiva e na ascensão social e econômica do atleta.

Outro elemento que deve estar presente nessa análise é que a carreira atlética, diferente de outras profissões, é relativamente curta e exige daqueles que buscam a profissionalização engajamento precoce. O resultado desse panorama apresentado é a ampliação de fatores que vulnerabilizam ainda mais o indivíduo, como a alfabetização deficitária, o afastamento do núcleo familiar e de pessoas significativas em etapas importantes do seu desenvolvimento psicossocial, sem considerar o risco das lesões esportivas, que podem trazer repercussões importantes na trajetória de vida e na saúde física e mental do indivíduo (ARAUJO; FRANCISCO; PIOVEZAN, 2021; RUBIO, 2012). Uma imagem que talvez traduza a experiência de atleta seja a de um equilibrista na corda bamba que se desloca de um ponto para o outro. Dependendo da sua busca profissional, novos elementos são lançados (por exemplo, conquista e manutenção de patrocinadores, engajamento em redes sociais, obtenção de resultados e marcas e estética da performance) e o desafio do deslocamento se mostra mais complexo para o equilibrista.

O surfe tem ganhado mais espaço no cenário brasileiro. Sua inserção nos Jogos Olímpicos no ano de 2020 agregou novo valor para aqueles que sonham em se tornar uma referência mundial na modalidade e, assim, alcançar o reconhecimento público e a ascensão financeira tão almejados. Deve-se considerar que a prática do surfe profissional exige investimento financeiro expressivo na aquisição de equipamentos e vestimentas esportivos, custeio do deslocamento e hospedagem para participação em campeonatos, o que pode representar uma barreira importante para muitos aspirantes e jovens promessas (SILVA; PALMEIRA, 2021; REISDÖRFER, 2020). Nesse contexto, a raça e o gênero também devem ser considerados nessa análise; observa-se maior visibilidade na mídia e melhores patrocinadores para atletas brancos e homens (SOUZA; BRANT, 2023). O cenário descrito expressa as diferentes camadas que somam e se articulam, reduzindo o acesso e a oportunidade de sonhar de uma parcela expressiva de atletas brasileiros, a despeito do seu talento. Da mesma forma que os tentáculos de uma água-viva, a sobreposição de classe, raça e gênero marcam de forma profunda o corpo físico, social e psicológico daqueles que são alvo de sua ação (COLLINS; BILGE, 2021; ZAMBONI, 2014).

Ao investigar as camadas que afetam, favorecendo ou dificultando, a trajetória de atletas no esporte de alto rendimento, fica nítido como fenômenos construídos socialmente se sobrepõem, ganham força e atuam como mecanismos de exclusão e de manutenção de privilégios nos diferentes espaços da vida em sociedade. Apoiado no conceito de interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021) como ferramenta analítica para examinar o fenômeno do esporte de alto rendimento, observa-se como relações de poder, como, por exemplo, raça, gênero e classe, organizam o esporte e, consequentemente, a construção de oportunidades. Conforme as autoras, a interseccionalidade busca compreender como as relações de poder e afetam e determinam o funcionamento da sociedade.

Collins e Bilge (2021, p. 20), ao abordar o fenômeno do esporte, utilizam o futebol como exemplo e destacam: “Diferenças de riqueza, origem nacional, raça, gênero e capacidade moldam padrões de oportunidades e desvantagens no esporte. Além disso, essas categorias são mutuamente excludentes”. Complementam ainda que o modo como categorias se cruzam determina quem chega e quem joga e que “o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica mostra como essas e outras categorias de relação de poder se interconectam”. Essa mesma linha de raciocínio pode ser aplicada a diferentes modalidades esportiva.

Ao analisar o cenário do surfe a partir da perspectiva da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021), verifica-se nas narrativas de atletas e ex-atletas autodeclarados negros (SOUZA; BRANT, 2023, p. 206) que a modalidade “desponta para o mundo como uma prática corporal elitista, acessível predominantemente a uma parcela privilegiada da população, não por acaso, branca”. Portanto, o presente artigo tem por objetivo analisar criticamente como os efeitos da intersecção dos marcadores sociais da diferença implicam a trajetória e a ascensão de surfistas brasileiros.

Condições de (re)existência no esporte e no surfe

O esporte como espetáculo oculta as histórias de vida daqueles que performam de forma sobre-humana. Restrições de natureza social e econômica, muitas vezes produtos de variáveis sócio-históricas que, quando somadas às de raça e gênero, podem impedir a concretização de se tornarem uma referência nacional no esporte e, assim, vivenciarem a tão almejada transformação socioeconômica (RUBIO; CAMILO, 2019; RUBIO, 2001). Como nas demais modalidades, observa-se atletas do surfe com grande potencial que, por não possuírem recursos e suporte suficientes, não conseguem acompanhar as etapas da categoria de acesso à elite mundial, que ocorrem em diferentes países (SILVA; PALMEIRA, 2021). Soma-se ainda a esse cenário as relações de poder expostas por Collins e Bilge (2021).

O esporte não escapa da ideologia burguesa dominante e tampouco das lutas das populações marginalizadas, o que reforça os conceitos de marcadores sociais da diferença (ZAMBONI, 2014) e da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021). O fenômeno esportivo compreende os mais diversos campos de disputas. Em seu interior, há o acirramento de questões políticas nas quais se destacam as dimensões de identidades culturais historicamente oprimidas que estão associadas às formas de alienação capitalista e patriarcal (FERREIRA JUNIOR, 2023). Os efeitos dessa condição também se apresentam no esporte alto rendimento, que evidencia contratos, não verbalizados, mas naturalizados que definem o perfil esperado dos atletas de elite.

É possível observar contradições e confusões sobre modalidades mais populares que são plurais. No futebol, apesar da venda de um perfil majoritariamente negro no país, as manifestações racistas por torcidas rivais evidenciam a face da branquitude e dos pactos em operação (ARAÚJO; FRANCISCO; PIOVEZAN, 2021). Infelizmente, tais situações se repetem na sociedade e não seria diferente no esporte, seja de forma explícita, ou velada (FERREIRA JUNIOR, 2023). Oliveira Junior e Moretti-Pires (2024) alertam que comportamentos de exclusão e desigualdade manifestados desde o período escolar direcionam configurações esportivas. Tal questão reforça as ramificações da desigualdade e exclusão na sociedade brasileira. As considerações reforçam como o racismo está presente na própria estrutura social, nas instituições e naturalizado na vida cotidiana (BENTO, 2022; KILOMBA, 2019).

Ferreira Junior (2023, p. 43) soma à reflexão destacando que raça também é “uma categoria ambígua e móvel, que serve às políticas de dominação e manutenção de opressões e, inversamente, às políticas de afirmação, luta e resistência de grupos oprimidos”. Tais condições sinalizam as barreiras adicionais que atletas pretos e pobres vivenciam para atingir a elite esportiva.

Até quase a metade do século XX, o regime de segregação racial *apartheid* na África do Sul organizava a sociedade em leis que dividiam as pessoas pela cor. O surfe não ficou fora dessa conjuntura, e os melhores locais para a prática do surfe eram direcionados a pessoas brancas. Há registros de surfistas negros que já foram expulsos de praias com boas ondas. No século seguinte, mais precisamente, em 2018, Mikey February, negro de origem africana, vem romper com essa lógica da elite dominante, consagrando-se campeão mundial de surfe, ainda que a primeira edição desses grandes eventos acontecera em 1976. O grande desafio que se coloca a partir desse evento é como desconstruir a grande intersecção sobre o imaginário de que ser campeão tem uma cor (branca), um gênero (masculino) (FERREIRA JUNIOR; RUBIO, 2023).

Souza e Brant (2023) destacam que a história do surfe é marcada por poucos atletas negros, o que incita a reflexão sobre questão de acessibilidade, oportunidade e investimento da população afrodescendente. Tal afirmação demonstra que não basta vigor e talento, é preciso atender os “padrões” sociais historicamente construídos de cada modalidade esportiva. Portanto, para alguns, não privilegiados, as barreiras da conquista de um lugar de destaque são mais altas e numerosas do que para outros, privilegiados. Collins e Bilge (2021) reforçam que no esporte, a elitização é atravessada pela interseccionalidade de raça, gênero, classe, nação e sexualidade, que se organizam e se sobrepõem e, assim, definem o lugar de cada grupo na sociedade.

Souza e Brant (2023, p. 217) resgatam uma entrevista à jornalista Érica Prado, representante do movimento *Surfistas Negras* e campeã baiana de surfe em 2006, em que ela recorda “que o circuito mundial de surfe feminino nunca contou com uma atleta negra”. A diferenciação entre classes e

gênero é um aspecto que vem sendo debatido na modalidade. Algumas informações contribuem com as atualizações desse panorama. Um exemplo é a premiação entre as categorias, distinta até recentemente; em 2019, a liga da elite mundial passou a promover igualdade nesse quesito. Ainda assim, as oportunidades são questionadas pelo número de vagas às mulheres para acesso às elites mundial e nacional. Atualmente, é possível a participação de apenas dezoito participantes mulheres no circuito mundial, enquanto há 36 homens (WORLD SURF LEAGUE, 2018). Na elite brasileira, também existe esta distinção: na categoria masculina, o chaveamento é aberto para até 48 atletas, enquanto na feminina para até 24 (CBSURF, 2025). Vale destacar que a entrada da modalidade nas Olimpíadas corrobora uma mudança nesse panorama e tem o número igual de participantes nas duas categorias (SILVA; PALMEIRA, 2021).

O impacto dos marcadores sociais da diferença também pode ser observado na construção da trajetória de grandes atletas da elite, como Heitor Alves, que ganhou destaque no ano de 2008 ao acessar a elite mundial do surfe, Gabriel Medina, tricampeão mundial nos anos de 2014, 2018 e 2021, e Adriano de Souza, o Mineirinho, campeão mundial de 2015. Inspirações como essas que, além dos desafios físicos, táticos e psicológicos, precisaram enfrentar os desafios implicados em suas realidades socioeconômica. Outros atletas talentosos, por sua vez, não tiveram a mesma sorte de superar barreiras sociais e econômicas que impossibilitaram de alcançar a elite do surfe (SILVA; PALMEIRA, 2021; REISDÖFER, 2020; VIEIRA, 2017; SILVA, 2014). Com a evolução científica e tecnológica, fica cada vez mais evidente que atingir a elite esportiva nas diferentes modalidades passa a depender de uma complexa estrutura esportiva e financeira que possa apoiar o desenvolvimento do atleta. Reisdörfer (2020, p. 33) afirma que “surf é investimento”, e deixa claro que o seguimento no âmbito competitivo exige investimentos expressivos na carreira esportiva.

A vulnerabilidade social e econômica somada às marcas de raça e gênero impactam a trajetória esportiva de atletas brasileiros e sonhos podem ser silenciados pelo peso da posição de sua realidade social, econômica, política e cultural (SOUZA; BRANT, 2023; SILVA, 2014). A condição contemporânea é agravada pela relação entre rentabilidade e desempenho, que distancia cada vez mais os valores do esporte do amadorismo, *fair-play* e olimpismo, caracterizando o atleta como protagonista de lucros (RUBIO, 2002).

Do lifestyle à contemporaneidade

Historicamente, o surfe foi associado a valores de liberdade, contracultura e conexão com a natureza, configurando-se como um estilo de vida que resistia à lógica institucional e mercadológica.

Essa dimensão simbólica traduzia uma prática espontânea, guiada por ideais de autenticidade e resistência cultural (SOUZA; BRANT, 2023; NEPOMUCENO, 2021). Com o avanço da profissionalização e a consolidação de grandes circuitos competitivos, patrocínios e contratos midiáticos, a modalidade foi gradualmente incorporada a uma lógica de maior regulação e visibilidade.

Esse movimento reflete um processo mais amplo de esportivização dos chamados *lifestyle sports* (WHEATON; THORPE, 2022), em que práticas antes associadas à contracultura passam a integrar circuitos globais e instituições esportivas tradicionais. A inserção do surfe nos Jogos Olímpicos intensificou esse processo, ampliando sua legitimidade e acesso a investimentos, mas também provocando tensões quanto à preservação de sua identidade original e dos valores que o vinculam à natureza e à liberdade (SILVA; PALMEIRA, 2021). Ainda assim, o surfe permanece como um campo híbrido — entre o esporte e o estilo de vida — no qual se articulam, de forma ambígua, elementos de pertencimento comunitário e estratégias de profissionalização que redefinem as fronteiras entre autenticidade, consumo e identidade cultural (BOOTH, 2004).

À medida que novas oportunidades surgem para aqueles que buscam no surfe uma forma de trabalho, a pressão por resultados se torna cada vez mais explícita. A motivação orientada por lucros e vitórias passa a se imbricar na carreira esportiva, elevando a modalidade a uma conotação política que a distancia das condições preestabelecidas do surfe como filosofia ou modo de vida (SOUZA; BRANT, 2023). O grande volume de investimentos e a regulação pelas leis de oferta e procura acrescentam novos elementos à relação entre atleta, desempenho e vitória, ampliando as exigências sobre o indivíduo que movimenta o mercado esportivo. Nesse cenário, pautado pela lógica da rentabilidade, as condições de raça, gênero e classe — que transcendem o desempenho — afetam diretamente as oportunidades e a trajetória dos surfistas profissionais.

Por se tratar de situações que estão presentes na própria estrutura social, que reforçam o conceito de meritocracia e ao mesmo tempo ocultam os efeitos dessas relações interseccionais, cria-se a ilusão que atingir a elite esportiva é fruto exclusivo do desempenho excelente do próprio do atleta (FERREIRA JUNIOR; RUBIO, 2023). Nessa lógica, é enfatizada a perfeição como medida de sucesso e realização. Para atingir tal façanha, o atleta é pensado como corpo-máquina e levado ao limite (MEDEIROS; LACERDA, 2017), o que perpetua o imaginário esportivo da perfeição ao mesmo que enfraquece as lutas e resistência contra os pactos de poder (BENTO, 2022).

Atualmente, talentos, como Yago Dora (campeão mundial em 2025), Filipe Toledo (bicampeão mundial), Gabriel Medina (tricampeão mundial), Ítalo Ferreira (campeão mundial em 2019) e Adriano de Souza (campeão mundial em 2015), são destaques e têm suas biografias e trajetórias compartilhadas como forma de inspiração e superação das grandes dificuldades do esporte

de alto rendimento. O programa *Brazilian Storm*, produzido pelo *Canal Off*, é exemplo na divulgação de talentos da modalidade (NEPOMUCENO, 2021; SILVA; PALMEIRAS, 2021).

A consagração de Ítalo Ferreira como campeão olímpico em Tóquio 2021 também representou um marco histórico para o surfe brasileiro e mundial, ao inaugurar a presença da modalidade no programa olímpico. A conquista reforçou o protagonismo do Brasil no cenário internacional e impulsionou novas discussões sobre o papel das políticas públicas e dos programas de incentivo na valorização do esporte (SOUZA; BRANT, 2023; SILVA; PALMEIRA, 2021). Nas edições seguintes, o desempenho de atletas brasileiros manteve o país entre as principais potências do surfe competitivo, com destaque para as medalhas de prata conquistada por Tatiana Weston-Webb e de bronze por Gabriel Medina nas Olimpíadas de Paris 2024. Tais resultados trouxeram visibilidade inédita à modalidade e inspirou uma nova geração de surfistas, evidenciando o potencial transformador do surfe enquanto campo de identidade, pertencimento e ascensão social (CBSURF, 2024; WHEATON; THORPE, 2022).

A partir da inclusão do surfe no programa olímpico observa-se um fortalecimento institucional da modalidade no Brasil. O reconhecimento do surfe como esporte olímpico possibilitou sua inserção no Programa Bolsa Atleta do Governo Federal, o que ampliou as oportunidades de suporte financeiro e de continuidade de carreira para surfistas em diferentes categorias (CBSURF, 2023a). Paralelamente, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e a Confederação Brasileira de Surf (CBSurf) têm desenvolvido iniciativas voltadas à estruturação da modalidade, prevendo apoio técnico e acompanhamento multidisciplinar para atletas de alto rendimento (CBSURF, 2023b). Tais ações indicam um movimento de consolidação institucional e profissionalização do surfe nacional, ainda que persistam desafios relacionados à desigualdade de acesso e à efetividade dessas medidas no enfrentamento das assimetrias sociais que estruturam o campo esportivo (SOUZA; BRANT, 2023; SILVA; PALMEIRA, 2021).

A ampliação dessas políticas e o reconhecimento do surfe em espaços institucionais e educacionais podem representar um avanço importante para a democratização da modalidade, historicamente marcada pela elitização e pela concentração de oportunidades (SOUZA; BRANT, 2023). Programas de base, incentivos regionais e o fortalecimento de circuitos nacionais têm potencial para reduzir barreiras econômicas e geográficas, diversificando o perfil dos praticantes e promovendo maior equidade entre gêneros, classes e raças (CBSURF, 2023b).

Apesar do sentido colaborativo de todos esses movimentos, a cobertura da mídia ainda tem como foco a superação, a disciplina e a determinação como elementos definidores da concretização de sonhos. Conforme destaca Anjos (2021, p. 38), “os esportes competitivos são organizados de modo a inspirar histórias e narrativas que reafirmam as ideologias dominantes”. Problematicar os efeitos da

exclusão e das desigualdades que impactam a trajetória de talentos esportivos e, mais especificamente, desenvolver ações reparadoras que venham transformar a realidade brasileira são poucas discutidas no cenário esportivo.

Contratos, patrocínios e a mídia são alguns dos aspectos da contemporaneidade que marcam a carreira dos surfistas profissionais e evidenciam como os tentáculos do capitalismo determinam novos regimentos e atualizam a organização esportiva (SILVA; PALMEIRA, 2021; REISDÖRFER, 2020). A realidade do esporte profissional engendra padrões que ocultam as desigualdades sociais e as marcas do racismo e do sexismo na sociedade e exalta a imagem do espetáculo (ANJOS, 2021; COLLINS; BILGE, 2021; ZAMBONI, 2014; RUBIO, 2002). Valores de produção e rentabilidade que regem a sociedade capitalista passaram a orientar a cena do esporte de alto rendimento (ANJOS, 2021).

A ideia da meritocracia difundida na sociedade é amplamente explorada na mídia e defendida por aqueles que investem em atletas de destaque e que, portanto, representam a imagem dos investidores caracterizada pela excelência, a estética perfeita e vitórias. O conceito da meritocracia que impera nas sociedades capitalistas impõe ao sujeito a responsabilidade de ser bem-sucedido sem questionar a sua condição de existência (FERREIRA JUNIOR; RUBIO, 2023). Ao se tratar de uma modalidade, o surfe, que requer investimentos financeiros expressivos no desenvolvimento da carreira esportiva, abre-se a reflexão: mais um ouro para quem?

As marcas da desigualdade social, econômica e de raça evidenciadas nessa reflexão possibilita traçar caminhos para responder a inquietante pergunta: mais um ouro para quem? No entendimento de que o progresso olímpico acontece associado as características neoliberais e contemporâneas (RUBIO, 2002), mecanismos de dominação e alienação se repetem no esporte como na sociedade. Kilomba (2019) retrata com profundidade as marcas físicas e psíquicas do racismo cotidiano, aponta caminhos de resistência e transformação da realidade.

Mbembe (2018) analisa uma construção social na qual as ações políticas são universalizadas e a assistência segregada. Essa máxima tem como consequências imposições desumanas, fazendo com que os indivíduos se sintam fragilizados em seus vínculos, promovendo isolamento social e a perpetuação dessa condição (SAWAIA, 2001). Nessa mesma perspectiva, Bento (2022) problematiza quanto o indivíduo branco – que condena o racismo – estaria disposto a renunciar seus privilégios, objetivando a transformação pautada nas práticas antirracista?

O esporte tem um papel importante nesse diálogo; ao mesmo tempo que cria formas de inclusão e participação social, também expõe suas fragilidade ao se tratar do alto rendimento, em que marcas das desigualdades de raça, gênero e classe se mostram presentes (OLIVEIRA JUNIOR; MORETTI-PIRES, 2024; FERREIRA JUNIOR; RUBIO, 2023). Quando jovens periféricos

conquistam lugar de destaque no esporte, como, por exemplo, ao conquistar uma medalha olímpica ou título mundial, as marcas de uma sociedade desigual e racista são expostas à sociedade, mas ainda sim é explorada e exaltada a ideia da meritocracia como balizadora da sociedade e do lugar que ocupam. Mais do que reconhecer o esforço de uma trajetória, tais resultados deveriam inspirar o fortalecimento de ações reparadoras e reforçar a necessidade do tema da superação da desigualdade e do racismo ser uma pauta constante da sociedade e de gestores públicos. Oliveira Junior e Moretti-Pires (2024) reforçam que os atos de reconhecimento poderão questionar as estruturas existentes na busca de espaços mais igualitários, e apresentam a importância do entendimento de que as práticas esportivas são consideradas internacionalmente como direito constitucional e humano.

A análise da interseccionalidade na atual conjuntura tem compromisso com a justiça social e desafia as transformações das relações de poder (COLLINS; BILGE, 2021). A problemática dessa invisibilidade é a não manutenção das diferentes formas de dominação que se mostram presentes no esporte de alto rendimento mesmo após determinadas circunstâncias a revelarem. Apesar de toda repercussão que gera ao ser desvelado, poucas ações efetivas são observadas (PASTORE; MEDEIROS, 2020).

O crescimento do surfe atraiu novos investimentos e, consequentemente, novos adeptos com interesse na profissionalização. Uma parcela expressiva da população marginalizada aceita esse caminho, marcado pela exclusão, como uma possibilidade de superar a pobreza e as desigualdades que permeiam sua realidade social. Nessa perspectiva, a “aposta” na profissionalização e, principalmente, na transformação social e econômica se tornam fonte de tensionamento para novos adeptos. As “fichas” da família e do jovem aprendiz são depositadas nessa grande aposta de se tornar um atleta profissional de “sucesso”, marcado pela ascensão financeira e social (SOUZA; BRANT, 2023; SILVA; PALMEIRA, 2021; NEPOMUCENO et al., 2020). Desse cenário uma questão é posta: como ficam aqueles que não conseguiram atingir esse pódio? Que efeitos a frustração dessa grande aposta teve na saúde mental do próprio atleta e da família? Essas são algumas reflexões que essa realidade permite levantar.

Os recentes destaques do surfe brasileiro nas Olimpíadas de 2020 e 2024, com ouro e prata, consecutivamente, reforça o crescimento da modalidade no país, mas seu “brilho” tende a ficar restrito aos poucos atores do cenário esportivo e pouco – ou quase nada – repercute na transformação da realidade social e esportiva do Brasil, na qual a meritocracia é posta em relevo, enquanto as relações interseccionais de poder que sustentam a desigualdade de raça, gênero e classe são ocultadas. Pensar formas inclusivas que permitam a transformação da realidade de populações vulneráveis se faz necessária em um país marcado pela desigualdade social, econômica, educacional e de saúde (SOUZA; BRANT, 2023; BENTO, 2022; SILVA; PALMEIRA, 2021).

O foco excessivo na formação de atletas de elite, reforçada pela sociedade capitalista, valoriza os melhores e vulnerabiliza ainda mais populações que se encontram em desvantagem devido a marcas históricas de uma sociedade pautada na desigualdade. A aposta única de uma trajetória de vida pautada exclusivamente na conquista do “ouro” evidencia a fragilidade e o risco daqueles que buscam transformar a realidade social e econômica a partir de uma carreira de sucesso no esporte. Reforça também a manutenção da ideia da meritocracia como parâmetro de uma “performance” exitosa. Nessa perspectiva, os vieses dos marcadores sociais da diferença e da interseccionalidade que orientam a realidade brasileira são ofuscados (ANJOS, 2021; HIRANO, 2019; ZAMBONI, 2014).

Considerações Finais

Uma medalha vem consagrar todo investimento e esforço do principal ator desse grande momento, o atleta. No entanto, esse mesmo palco que lança luz para os contemplados com uma medalha, também ofusca uma triste realidade, especialmente para aqueles que são atravessados pelos diferentes marcadores sociais da diferença, como a questão de raça, classe e gênero elucidadas nesse ensaio. Qual a responsabilidade da sociedade para aquelas que eram grandes promessas e não atingiram a elite do esporte e, conseqüentemente, não conquistaram o sonho do reconhecimento social e financeiro? E os anos afastados do estudo que foram abandonados para apostar no sonho de ser um próximo campeão mundial ou ao menos acessar a elite mundial de sua modalidade esportiva?

Importante lembrar que não se deve considerar cada categoria de forma isolada, e sim como se articula e impacta a experiência do indivíduo. O enfrentamento das diferentes formas de violência e de desigualdade passa pelo reconhecimento e o desejo de reparação da sociedade. A reparação deve impulsionar práticas que superem a estrutura compactuada com as diversas formas de exclusão e silenciamento. Para tanto, faz-se que o desejo de reparação seja uma meta comum de toda sociedade civil.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Felipe de Moraes. **O mal-estar no esporte: um olhar psicanalítico**. Curitiba: CRV; 2021.

ARAUJO, Hugo Sarat Oliveira Araujo; FRANCISCO, Marcos Vinícius; PIOVEZAN, Patricia Regina. Desigualdade social, dificuldades e expectativas de jogadores da categoria de base com o futebol profissional. **Esporte e Sociedade**, 2021; 14(34). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/51220> Acesso em: 13 nov. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras; 2022.

BOOTH, Douglas. Surfing: from one (cultural) extreme to another. In: WHEATON, Belinda (Org). **Understanding lifestyle sport: consumption, identity and difference**. London: Routledge, 2004. cap. 5, p. 94-111.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURFE (CBSURF). **Governo Federal publica Edital 2023 do Bolsa Atleta**, Website, 2023a. Disponível em: <https://www.cbsurf.org.br/noticia/167/governo-federal-publica-edital-2023-do-bolsa-atleta> Acesso em: 13 nov. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURFE (CBSURF). **Confederação Brasileira de Surf inicia o primeiro Surf Camp para a Seleção Brasileira Junior em Florianópolis**, Website, 2023b. Disponível em: <https://www.cbsurf.org.br/noticia/164/confederacao-brasileira-de-surf-inicia-o-primeiro-surf-camp-para-a-selecao-brasileira-junior-em-florianopolis> Acesso em: 13 nov. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURFE (CBSURF). **Tati Weston-Webb E Gabriel Medina São Medalhistas Olímpicos Nas Ondas De Teahupo'o**, Website, 2024. Disponível em: <https://www.cbsurf.org.br/noticia/660/tati-weston-webb-e-gabriel-medina-sao-medalhistas-olimpicos-nas-ondas-de-teahupoo> Acesso em: 13 nov. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURFE (CBSURF). **Livro de Regras**, Website, 2025. Disponível em: <https://cbsurf.org.br/livro-de-regras-2025-circuito-dream-tour/> Acesso em: 13 nov. 2025.

FERREIRA JUNIOR, Neilton de Sousa. Sociogênese da tolerância do esporte moderno ao racismo. In: FERREIRA JUNIOR, Neilton de Sousa; RUBIO, Katia (Orgs.). **Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo**. São Paulo: Editora Tato: Grupo de Estudos Olímpicos; 2023. p. 196-222.

FERREIRA JUNIOR, Neilton de Sousa; RUBIO, Katia. As marcas do silêncio e da negação: como olhar para o racismo no esporte que hoje se pratica e consome. In: FERREIRA JUNIOR, Neilton de Sousa; RUBIO, Katia (Orgs.). **Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo**. São Paulo: Editora Tato: Grupo de Estudos Olímpicos; 2023. p. 10-29.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (Orgs.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019, p. 27-54.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. (Trad. Jess Oliveira). Rio de Janeiro: Cobogó; 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed., São Paulo: n-1 edições; 2018.

MEDEIROS, Clarice; LACERDA, Adriana. **Psicologia e esporte na atualidade: reflexões necessárias**. São Paulo: Pasavento; 2017.

NEPOMUCENO, Leonardo Bruno (Org.). **Psicologia do Esporte e Surfe: aspectos socioculturais e psicológicos**. Curitiba: CRV; 2021.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; NOGUEIRA, Julia Aparecida Devidé; HONORATO, George Washington Noronha; BOSI, Maria Lúcia Magalhães; SILVA, Fidel Machado de Castro. A esportivização do surfe: reflexões à luz de Pierre Bourdieu. **Motrivivência**, 32(62), 01-17, 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e63230>

OLIVEIRA JUNIOR, João Batista; MORETTI-PIRES, Rodrigo Octávio. Transexualidade e práticas esportivas: uma análise a partir da teoria do reconhecimento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34090, 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202434090pt>

PASTORE, Julia Cesar de Faria; MEDEIROS, Clarice. Racismo no esporte: uma problemática persistente. In: MEDEIROS, Clarice; LACERDA, Adriana. **Esporte, saúde mental e sociedade**. São Paulo: Pasavento, 2020. p. 241-255.

REISDÖRFER, Tainá Fernanda. **A web como armazenamento e disseminação de documentos digitais, um estudo de caso sobre o arquivo pessoal do atleta profissional de surf Heitor Alves** [bacharelado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/229618> Acesso em: 13 nov. 2025.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**; 119(6):95-97, 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm> Acesso em: 13 nov. 2025.

RUBIO, Katia (Org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.

RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira (Orgs.). **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Képos, 2019.

SAWAIA, Bader Burihan (Org.). **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes; 2001.

SILVA, Bruno Allan; PALMEIRAS, Marcus Vinicius. **Surf Contemporâneo: Base Científica Por Trás Das Ondas**. Curitiba: CRV; 2021.

SILVA, Hélida Lopes da. **Percepções do ser jovem no títanzinho: uma análise da autoimagem juvenil em Fortaleza/CE** [mestrado]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22750/1/PercepcoesSerJovem_Silva_2014.pdf Acesso em: 13 nov. 2025.

SOUZA, Vinicius Cardoso de; BRANT, Tiago. Surfe e Racismo: um breve ensaio sobre o reflexo do racismo no surfe. In: FERREIRA JUNIOR, Nelson Silvério; RUBIO, Katia (Orgs.). **Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo**. São Paulo: Editora Tato: Grupo de Estudos Olímpicos; 2023. p. 196-222.

VIEIRA, Marcia. **Como se tornar um campeão: A história de Adriano de Souza, O Mineirinho, da pobreza ao título mundial de surfe**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. Surfing's paradoxical journey from alternative lifestyle to Olympic sport. In: WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. **Action sports and the Olympic Games: past, present, future**. London: Routledge, 2022. cap. 7, p. 139-159.

WORLD SURF LEAGUE. **Homens e mulheres terão premiações iguais na WSL**. Website, 2018. Disponível em: <https://www.worldsurfleague.com/posts/345768/homens-e-mulheres-ter-o-premia-es-iguais-na-wsl> Acesso em: 13 nov. 2025.

ZAMBONI, Márcio. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v.1, p.14 - 18, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf Acesso em: 13 nov. 2025.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORA DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: dia 08/06/2025

Aprovado em: 08/11/2025